

**A PERCEPÇÃO DOS EMPRESÁRIOS DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS ACERCA DA
GESTÃO FINANCEIRA**

ELAN NASCIMENTO APOLINÁRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)

A PERCEPÇÃO DOS EMPRESÁRIOS DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS ACERCA DA GESTÃO FINANCEIRA

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, é incontestável o grande impacto que as Micro e Pequenas Empresas (MPEs) causam na economia, dados do relatório executivo 2018 da GEM (Global Entrepreneurship Monitor) mostram que não se pode preterir o papel que os pequenos empreendimentos possuem na geração de ocupação e renda para a população brasileira, pois considerando apenas os empreendedores iniciais que geraram pelo menos um emprego, eles foram responsáveis pela criação de aproximadamente 6,5 milhões de postos de trabalho, sejam formalizados ou não. Baseando-se em uma análise feita por Souza e Qualharini (2007), uma explicação que pode ser dada para esta participação das MPEs nos indicadores da economia brasileira é o seu vultoso avanço nos últimos anos, impulsionado por diversas atividades, necessidades e serviços que surgiram com a falta de tempo e a busca por maior qualidade de vida das pessoas na sociedade moderna, abrindo assim oportunidades de negócio antes não existentes ou pouco explorados, e que agora estão sendo aproveitado por empresas de pequeno porte. No entanto, juntamente com este alto índice de crescimento, os números da mortalidade de MPEs no Brasil também impressionam, levando estudiosos e órgãos de fomento ao pequeno negócio a realizarem estudos buscando identificar quais são as possíveis causas que levam esses empreendimentos ao insucesso, alguns destes estudos ligam o fracasso de MPEs aos aspectos financeiros do negócio, a exemplo de um estudo divulgado pelo SEBRAE (2016), mostrando que 25% dos empreendedores que encerraram as atividades de seu negócio atribuíram tal fracasso a problemas financeiros, inadimplência, falta de linhas de crédito e falta de capital de giro. Além disso, segundo Terence e Escrivão Filho (2001), o aspecto comportamental do processo de gestão nas pequenas empresas é influenciado por traços pessoais do pequeno empresário, refletindo seus valores, ambições, ideologias, visão e comportamento.

Realizando então uma associação da importância que as MPEs representam para o crescimento e desenvolvimento econômico e social do país, adentrando na evidente possibilidade de que problemas com a gestão financeira contribuem de forma significativa para a mortalidade destas empresas e considerando que os traços e percepções pessoais do empresário interferem no processo de gestão, surge a proposta de investigar qual é a percepção que os empresários ou donos de micro e pequenas empresas possuem em relação a gestão financeira de seus negócios. Sendo assim, este artigo se pautará no seguinte questionamento: Qual é a percepção dos empresários de micro e pequenas empresas acerca da gestão financeira?

Neste sentido, o objetivo geral do artigo será investigar a percepção dos empresários de micro e pequenas empresas acerca da gestão financeira, levando em consideração aspectos que envolvem o uso das principais demonstrações financeiras, a percepção existente em relação a índices financeiros fundamentais e a compreensão de como os serviços contábeis tem ajudado na gestão financeira de micro e pequenas empresas.

O campo de estudo foi a cidade de Cajazeiras, localizada no alto sertão paraibano, o que justifica a escolha deste campo de estudo é a asseveração feita por Lemes Júnior e Pisa (2010), de que os percentuais que as Micro e Pequenas Empresas (MPEs) representam para a economia, não é um feito inerente apenas às grandes cidades, e que muito mais se pode destacar do impacto econômico e social que estas empresas causam em pequenos municípios.

O artigo trará em sua parte inicial um arcabouço teórico acerca dos temas centrais do estudo, com destaque para a realização da gestão financeira com foco na micro e pequena empresa, logo em seguida será apresentada a metodologia que foi utilizada, destacando os instrumentos utilizados para a coleta de dados e a forma como os dados foram analisados, culminando assim com considerações finais que venham a contribuir ou fornecer direcionamento para a solução do problema levantado, podendo servir de fonte de inspiração para outros estudos deste tema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Visão geral da administração financeira

A administração financeira tem como objetivo proteger e aplicar com eficácia os recursos financeiros, procurando ao mesmo tempo manter um grau de liquidez que permita à organização cumprir com seus compromissos (MAXIMIANO, 2004). Nas empresas as decisões financeiras são bem complexas, pois elas envolvem montantes consideráveis de dinheiro e fatores estratégicos para a organização, como a decisão em se lançar ou não um novo produto, a qual fornecedor comprar, produzir ou terceirizar serviços, realizar ou não um empréstimo, condição de contratar ou não novos funcionários, aumentar ou não o salário dos funcionários, ou seja, a administração financeira engloba qualquer decisão que envolva dinheiro. De acordo com Ross (2011), de modo geral, a principal função e objetivo da administração financeira, independentemente do tamanho da empresa, é maximizar o valor de mercado do capital dos proprietários. Seja qual for o tipo de empresa, em todas elas a gestão financeira terá como função e objetivo subsidiar as melhores decisões financeiras que aumentem o valor do capital próprio dos donos, analogamente, decisões ruins diminuirão o capital.

2.2 Entendendo as micro e pequenas empresas

Para os efeitos da Lei Geral das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Lei Complementar Federal 123/2006), instituída em 14 de dezembro de 2006, consideram-se microempresas ou empresas de pequeno porte, a sociedade empresária, a sociedade simples, a empresa individual de responsabilidade limitada e o empresário que se enquadrarem nas seguintes condições:

I – Microempresa - receita bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais); e

II - Empresa de pequeno porte - receita bruta superior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e igual ou inferior a R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais).

Uma outra forma de classificação de MPES é levando em consideração o seu número de empregados, de acordo com os valores da figura abaixo.

Quadro 1 – Classificação das MPES quanto ao número de empregados

PORTE	INDÚSTRIA	COMÉRCIO/ SERVIÇOS
Microempresas	Até 19 empregados	Até 9 empregados
Pequeno porte	De 20 a 99	De 10 a 49

Fonte: SEBRAE, 2006.

A forma de gestão praticada nas micro e pequenas empresas é bem diferente da executada em empresas de grande porte. Geralmente, nas micro e pequenas empresas a gestão está mais focada na sobrevivência da empresa do que em seu crescimento e desenvolvimento, pois grande parte destas empresas é gerida por uma única pessoa, que na maior parte dos

casos trata-se de seu proprietário, que acaba gastando a maior parte do seu tempo com preocupações de curto prazo, ficando sem tempo e sem foco de se voltar para questões mais ligadas ao longo prazo e a competitividade.

2.3 A realização da gestão financeira com foco na micro e pequena empresa

De acordo com Antonik (2004), a sustentabilidade financeira é essencial para o sucesso de qualquer organização, o que inclui as Micro e Pequenas Empresas (MPEs). Esta sustentabilidade requer uma gestão financeira realista, focada nas condições do mercado e que os ganhos da empresa cubram, no mínimo, os custos operacionais e financeiros, a inflação, os riscos inerentes do negócio (inadimplências, roubo e perdas), depreciação e geração de excedente financeiro para investimento na expansão do próprio negócio.

Nogueira (1987 *apud* Viapiana, 2000) elencou em seu estudo os principais problemas de gestão financeira usualmente detectados nas pequenas empresas, que são:

- inadequação na escolha das fontes de financiamento a curto e longo prazos;
- insuficiência de garantias para obtenção de crédito;
- relação insatisfatória entre recursos próprios e de terceiros;
- desequilíbrio entre os prazos concedidos aos clientes na venda e os obtidos junto a fornecedores nas compras;
- critérios inadequados para concessão de crédito;
- recursos financeiros de curto prazo financiando mobilizações;
- imobilização do capital de giro em estoque;
- baixo nível de incorporação de lucros (retiradas elevadas);
- critérios insatisfatórios de cobrança;
- desconhecimento da situação financeira por deficiência e ou atraso na apuração dos relatórios;
- plano e ou sistema contábil inadequado;
- insuficiência e/ou inadequação da estrutura de controles financeiros mantidos, tais como: fluxo de caixa, contas a receber, controle de compromissos, apuração de resultados, margem de contribuição da linha de produtos, levantamento de receitas e despesas por natureza e ou setor, quadro de apuração de rentabilidade, balanço e demonstrativos de resultados;
- acúmulo de despesas financeiras decorrente de empréstimos contraídos com taxas de juros elevados; e
- falta de um sistema adequado para apuração de custos operacionais.

2.3.1 As Principais Demonstrações Financeiras

A realização da gestão financeira começa pelo registro adequado dos resultados das operações e condições financeiras da empresa possibilitando análises que irão subsidiar o planejamento financeiro e demais tomadas de decisão. Estes registros são as chamadas demonstrações financeiras (MIOTTO; LOZECKYI, 2008). De acordo com Longenecker (2011), são três as demonstrações financeiras básicas que dão informações importantes sobre o desempenho e recursos de uma empresa: o balanço patrimonial, a demonstração de resultados do exercício e o fluxo de caixa. Somente com essas informações essenciais já se consegue avaliar o potencial de uma empresa.

O **balanço patrimonial** lista os ativos e passivos da empresa oferecendo um panorama da posição financeira da empresa em determinado momento. Os ativos relacionam o caixa, estoque, imóveis, instalações, equipamentos e quaisquer outros investimentos que a empresa tenha realizado. Os passivos relacionam as obrigações que a empresa possui com os seus

credores. No lado dos passivos também está o patrimônio líquido que é a diferença entre os ativos e passivos da empresa (BERK; DEMARZO; HARFORD, 2010).

A **demonstração do resultado do exercício (DRE)** mensura o desempenho da empresa ao longo de um determinado período, geralmente um ano. Os itens registrados na DRE são as receitas e despesas oriundas da atividade da empresa, culminando com o Resultado Líquido (lucro ou prejuízo), calculado pela diferença entre as receitas e despesas (ROSS, 2011).

O **fluxo de caixa** mostra as origens e aplicações de caixa, que é a base para a avaliação da situação financeira da empresa e sua capacidade de pagamento das obrigações (SZUSTER, 2011). O gerenciamento eficaz do fluxo de caixa é essencial e para fazer isso o proprietário de um pequeno negócio deve entender as fontes e o uso do caixa da empresa. Para proprietários de MPEs quanto mais cedo se aprender que “quem não tem caixa está fora do negócio”, melhor para as chances de sobrevivência (LONGENECKER, 2011).

2.3.2 Índices Financeiros Fundamentais

As informações presentes nas principais demonstrações financeiras são muito importantes para **registrar** o desempenho da empresa, no entanto, estes registros são utilizados para se fazer uma análise do desempenho da empresa, e esta análise se baseia no uso de índices. O uso de índices financeiros envolve métodos de cálculo e interpretação para **analisar e monitorar** o desempenho da empresa. Os índices financeiros podem ser classificados em cinco categoriais principais: liquidez, atividade, endividamento, lucratividade (rentabilidade) e valor de mercado (GITMAN, 2010). Entretanto, de acordo com Da Silva (2016), os principais índices utilizados na análise das demonstrações contábeis para avaliar a situação econômica de uma empresa e fornecer informações importantes para a tomada de decisão são os índices de liquidez, índices de endividamento e índices de rentabilidade.

Os Índices de Liquidez evidenciam a capacidade de saldar compromissos a partir da comparação entre os direitos disponíveis e realizáveis com as obrigações da empresa. Para Kuhn & Lampert (2012, p. 61), “liquidez é a capacidade de liquidar as obrigações em dia, por meio do giro dos negócios”. Para isso temos a liquidez corrente, liquidez seca e liquidez geral.

A Liquidez Corrente indica quanto a empresa possui em dinheiro, mais bens e direitos realizáveis no curto prazo, comparado com suas dívidas a serem pagas no mesmo período. Este índice mede a saúde financeira de curto prazo das empresas. A Liquidez Seca indica quanto a empresa possui em dinheiro, depósitos bancários à vista, aplicações financeiras de liquidez imediata e duplicatas a receber para fazer frente ante ao seu passivo circulante. A Liquidez Geral indica quanto a empresa possui em dinheiro, bens e direitos realizáveis a curto e longo prazos, para fazer frente as suas dívidas totais (passivo exigível). O índice de liquidez geral é um indicador que subentende que se a empresa fosse encerrar suas atividades naquele momento, deveria pagar suas dívidas com seu dinheiro mais seus realizáveis (KUHN; LAMPERT, 2012).

Os Índices de Endividamento indicam o volume de dinheiro de terceiros usado para gerar lucros, quanto maior o endividamento, maior o risco da empresa não poder honrar estes pagamentos com terceiros. De acordo com Gitman (2010), o índice de endividamento geral mede a proporção do ativo total financiada pelos credores da empresa. Quanto mais elevado, maior o montante de capital de terceiros usado para gerar lucros. Numa MPE, o montante total de dívidas que pode ser usado para financiar o negócio é limitado pelo montante de fundos fornecido pelos proprietários, a outra parte geralmente provém de empréstimos. (LONGENECKER, 2011).

Os Índices de Lucratividade (Rentabilidade) pretendem medir o quão eficientemente a empresa utiliza seus ativos e administra suas operações. Esse grupo se preocupa com a última linha da demonstração do resultado, ou seja, o lucro líquido (ROSS, 2011). Os principais índices de rentabilidade são margem bruta, margem operacional e margem de lucro líquido. A margem bruta de uma empresa é a razão entre o lucro bruto e as vendas. Esta margem reflete a capacidade da empresa de vender um produto por mais do que a soma dos custos diretos de produzi-lo. A margem operacional é a razão entre o lucro operacional e as vendas. Esta margem revela quanto uma empresa lucra antes dos juros e dos impostos para cada real em venda. A margem de lucro líquido é a razão entre o lucro líquido e as vendas. Esta margem exibe a fração de cada real de receita que está disponível aos sócios após a empresa ter pago despesas, juros e impostos (BERK; DEMARZO; HARFORD, 2010).

2.4 O Papel da Contabilidade na Gestão Financeira da Micro e Pequenas Empresas

A contabilidade surgiu da necessidade de informações de suporte por parte dos gestores. Juntamente com a evolução econômica essa ciência precisou desenvolver ferramentas que suprissem uma nova demanda de informações gerenciais cada vez mais exigente. Daí surge a contabilidade gerencial como uma ferramenta de auxílio administrativo, com o objetivo de demonstrar de maneira mais fácil os dados representados nas estruturas dos demonstrativos contábeis (CORRÊA, 2010).

Nas diversas literaturas consultadas, não resta dúvidas acerca da importância da Contabilidade e do trabalho do Contador para as MPEs, entretanto, vários autores ressaltam as dificuldades que o empreendedor possui para compreender de forma adequada a lógica contábil e isso acaba transformando os relatórios financeiros preparados pelo Contador em mero cumprimento de uma obrigação legal ao invés de prover ao empreendedor informações que serão utilizadas para o processo de tomada de decisões, com isso, a contabilidade gerencial acaba se restringindo a simples preocupação com o fisco e as rotinas trabalhistas (KASSAI, 1997).

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Barros (1978 *apud* Lacerda, 2006) afirma que o uso da contabilidade possui na pequena empresa o objetivo basilar de atender apenas a uma exigência fiscal e que pouco se aplica a finalidade básica da contabilidade que é a de orientar o administrador em suas decisões ficando estas decisões de grande importância para a empresa sendo tomadas com base na intuição do empresário.

3 METODOLOGIA

Quanto aos fins, esta pesquisa foi classificada como descritiva, pois de acordo com Gil (2008, p. 28), as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Quanto aos meios, o estudo consistiu em uma pesquisa de campo, uma vez que ele teve como alvo ir diretamente às fontes primárias para realizar a investigação do fenômeno estudado, ou seja, nas próprias micro e pequenas empresas da cidade de Cajazeiras. Quanto à forma de abordagem, o estudo foi de caráter quantitativo, pois os dados coletados foram classificados, analisados e interpretados em números gerados por meio de técnicas estatísticas.

No presente estudo a população a ser estudada é composta pelas micro e pequenas empresas localizadas na cidade de Cajazeiras, estado da Paraíba. Dados do Painel Regional do SEBRAE, elaborado pela Agência Regional de Cajazeiras em 2015, apontam que existem na cidade de Cajazeiras cerca de 1.265 Micro e Pequenas Empresas, todas optantes pelo Simples Nacional, sendo este o tamanho do universo deste estudo.

Para o cálculo da amostra foi levado em consideração todos os fatores que conforme Gil (2008) são determinantes para que uma amostra represente com veracidade as características do universo, chegando-se aos números abaixo:

Dimensão do Universo (população): 1265 empresas

Nível de Confiança: 90% (nível indicado para ciências sociais)

Erro máximo (erro amostral): 8%

Porcentual (máximo ou mínimo): 50% (Valor padrão utilizado quando não se tem nenhuma informação sobre o valor que espero encontrar)

Encontrando então uma amostra de **98 (noventa e oito) empresas, sendo o valor arredondado na pesquisa para 100 (cem) empresas.**

Esta amostra foi calculada utilizando uma calculadora *online* de cálculo amostral, sendo fórmula de cálculo: $n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1-p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1-p) + e^2 \cdot N - 1}$, onde n: amostra calculada, N: população, Z: variável normal, p: real probabilidade do evento, e: erro amostral). Baseado em Santos, GEO e disponível em <https://praticaclinica.com.br/anexos/ccolaborativa-calculo-amostral/ccolaborativa-calculo-amostral.php>.

O instrumento de coleta de dados utilizado para este estudo consistiu de um questionário estruturado aplicado com os empresários das 100 (cem) empresas da amostra (APÊNDICE A). Este questionário foi constituído de perguntas em escalas itemizadas, onde o entrevistado deu suas respostas assinalando em uma escala que indicava seu grau de concordância com a afirmativa. Para isso, se fez uso da escala Likert. Conforme aponta Malhotra (2006, p. 266), “a escala Likert é uma escala que exige que os entrevistados indiquem um grau de concordância ou discordância com cada uma de uma série de afirmações sobre objetos de estímulo”.

Esta pesquisa tem a intenção de gerar dados quantitativos, sendo assim, a estatística descritiva foi utilizada para o tratamento dos dados. Para Fávero (2009, p.51), “a estatística descritiva permite ao pesquisador uma melhor compreensão do comportamento dos dados por meio de tabelas, gráficos e medidas-resumo, identificando tendências, variabilidade e valores atípicos”. O uso de planilhas eletrônicas também foi utilizado neste estudo para a tabulação dos dados e cálculo dos parâmetros estatísticos considerados.

A ida ao campo foi iniciada por um pré-teste aplicado com duas empresárias, visando avaliar a qualidade do questionário, evitando assim realizar a pesquisa utilizando um questionário mal elaborado, o que poderia comprometer o alcance dos objetivos do estudo. O propósito de aplicar um pré-teste é indicado pelas autoras Marconi e Lakatos (2013), quando as mesmas afirmam que o uso de questionários como instrumento de coleta de dados pode não funcionar conforme o esperado se as perguntas forem subjetivas, mal formuladas, ambíguas e de linguagem inacessível aos entrevistados, sendo assim interessante a aplicação de um pré-teste que poderá evidenciar possíveis erros e possibilitar a reformulação do questionário definitivo.

Após a realização do pré-teste e feitas as devidas alterações no texto do questionário, sucedeu-se a aplicação do questionário final com os empresários das 100 (cem) empresas da amostra. Esta etapa envolveu grande esforço uma vez que o acesso aos empresários para a aplicação do questionário não foi fácil devido a várias circunstâncias adversas; a principal delas foi a ausência do empresário na empresa no momento da execução da pesquisa, seguido pela indisponibilidade de alguns participarem da pesquisa pelo motivo de estarem ocupados e em alguns casos pela não aceitação do empresário em querer participar da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Os dados coletados na pesquisa foram selecionados de acordo com a construção do próprio questionário, seguindo as premissas abaixo:

- As assertivas de 1 a 4, tiveram como alvo investigar a **Percepção do empresário acerca do uso das Demonstrações Financeiras**;
- As assertivas de 5 a 8, tiveram como alvo investigar a **Percepção do empresário acerca dos Índices Financeiros**;
- As assertivas de 9 a 13, tiveram como alvo investigar a **Percepção do empresário acerca do papel do Contador na gestão financeira de suas empresas**;
- As assertivas de 14 a 18, tiveram como alvo investigar **Percepções gerais acerca da Gestão Financeira na empresa**;
- As questões de 19 a 22, tiveram como alvo levantar o **perfil dos empresários pesquisados**;

A análise dos resultados levou em conta o tipo e a forma de abordagem da pesquisa. Na pesquisa foi realizada uma abordagem quantitativa para o questionário que utilizou escala tipo Likert de 7 pontos visando mensurar o grau de concordância dos indivíduos que responderam os questionários. Realizou-se a verificação quanto à concordância ou discordância das questões avaliadas de acordo com a pontuação atribuída as respostas dadas pelos respondentes, sendo que os valores 1, 2 e 3 foram considerados como discordantes, os valores 5, 6 e 7 foram considerados como concordantes e o valor 4 como “indeciso” ou “sem opinião”, sendo este o “ponto neutro”, equivalente aos casos em que os respondentes deixaram alguma questão em branco (OLIVEIRA, 2005).

Na análise utilizou-se dois parâmetros estatísticos: média aritmética e desvio-padrão. A **média aritmética (média)** é uma medida de centralidade resultante da divisão entre o somatório dos valores das respostas dadas nas questões pela quantidade de valores somados. Pela média verifica-se a tendência das respostas, sendo este o principal parâmetro para a análise dos resultados. O **desvio-padrão (desvio)** indica o quanto os valores dos quais se extraiu a média são próximos ou distantes da própria média. Pelo desvio-padrão verifica-se a dispersão das respostas dadas pelos respondentes. Quanto menor for o desvio-padrão, mais homogêneas, ou seja, parecidas foram as respostas, quanto maior for o desvio-padrão, mais heterogêneas, ou seja, variadas foram as respostas. Para análise do desvio-padrão seguiu-se o entendimento de Costa, Júnior Lopes & Saraiva-Lobo (2010), que estabelece dispersão baixa para valores até 1,2; dispersão intermediária para valores de 1,2 a 1,8 e dispersão elevada para valores acima de 1,8.

4.1 Perfil dos empresários pesquisados

Pelos dados apresentados na Tabela 1, constata-se que a maioria dos empresários pesquisados foram do sexo masculino, contudo, a representatividade de empresárias do sexo feminino é muito grande, colocando-se praticamente em igualdade com os do sexo masculino.

Tabela 1: Sexo dos empresários

Sexo	Quantidade
Masculino	54
Feminino	46
Total	100

Fonte: Dados da Pesquisa

Pelos dados da Tabela 2, verifica-se que os empresários com idade entre 26 e 45 anos representam mais de 50% do total (57%), sendo a faixa etária dos 26 aos 35 anos a que possui maior quantidade de empresários.

Tabela 2: Faixa Etária dos empresários

Faixa Etária	Quantidade
Até 25 anos	7

26 a 35 anos	31
36 a 45 anos	26
46 a 55 anos	21
56 a 65 anos	7
Acima de 65 anos	5
Não informado	3
Total	100

Fonte: Dados da Pesquisa

Na Tabela 3, a pesquisa trouxe um dado interessante, ela mostra que o grau de escolaridade dos empresários está maior, já que a maioria dos respondentes afirmaram ter ensino superior completo. Os empresários que possuem segundo grau completo representam o segundo grupo mais ativo.

Tabela 3: Grau de Escolaridade dos empresários

Escolaridade	Quantidade
1º grau incompleto	8
1º grau completo	2
2º grau incompleto	5
2º grau completo	26
Superior incompleto	11
Superior completo	35
Pós-graduação	10
Não informado	3
Total	100

Fonte: Dados da Pesquisa

4.2 Percepções acerca das demonstrações financeiras

As assertivas de 1 a 4 tiveram como finalidade investigar a percepção do empresário acerca do uso das Demonstrações Financeiras em sua empresa. A assertiva número 1 tratava do “Balço Patrimonial”, a número 2 da “DRE” e as de número 3 e 4 do “Fluxo de Caixa”. Os resultados podem ser vistos na tabela abaixo:

Tabela 4: Percepções das Demonstrações Financeiras

Nº	Assertiva	Média	Desvio
1	Minha empresa elabora periodicamente um relatório que mostra os bens, direitos e obrigações que ela possui naquele momento	4,91	2,16
2	Ao final de cada ano é elaborado um demonstrativo que mostra se a minha empresa teve lucro ou prejuízo	6,08	1,80
3	Registro diariamente tudo que entra e sai no caixa da minha empresa	6,35	1,56
4	A empresa possui o histórico das vendas, despesas, fornecedores e investimentos dos últimos meses	6,12	1,62
	Total	5,86	

Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com o que se mostra na Tabela 4, na assertiva que tratou saber se a MPE elaborava o balanço patrimonial a média das respostas quase chegou a ‘5’ que de acordo com

a escala utilizada representa o grau de concordância mais baixo (concordo um pouco), o que indica que o empresário da micro e pequena empresa ainda sente dificuldades para entender do que se trata o balanço patrimonial ou não o elabora. Este desarranjo de entendimento fica ainda mais claro quando avaliamos o desvio padrão das respostas, que foi o maior de todas as assertivas deste aspecto, o alto desvio padrão calculado mostra que a variação de respostas foi alta, o que confirma que não há um consenso entre os empresários acerca do entendimento deste instrumento financeiro.

Na assertiva que tratou saber se a MPE elaborava uma DRE ao final de cada exercício financeiro, verificou-se um entendimento bem melhor por parte dos empresários acerca deste demonstrativo e sua elaboração na micro e pequena empresa, pois a média das respostas chegou ao grau ‘6’ que de acordo com a escala utilizada representa um grau de concordância considerado alto. Apesar do desvio padrão próximo do elevado apontar certa heterogeneidade nas respostas, em comparação ao balanço patrimonial observa-se que neste quesito houve uma maior convergência nas respostas, comprovando que os empresários das MPEs já possuem uma boa percepção acerca deste demonstrativo financeiro.

Por fim, nas duas assertivas que buscaram avaliar se as MPEs mantinham um fluxo de caixa, as médias passaram um pouco de ‘6’ o que significa um nível alto de concordância com as afirmações feitas acerca da sua utilização, indicando que as MPEs possuem mais atenção ao fluxo de caixa comparado aos demais demonstrativos. O desvio-padrão nestes dois quesitos foi intermediário mostrando que as respostas não foram tão heterogêneas. Esta constatação confirmou a afirmação de Longenecker (2011, p.175), que diz “os problemas de fluxo de caixa são preocupações constantes para proprietários de pequenos negócios.” No entanto, a pesquisa não consegue descobrir a forma como este fluxo de caixa está sendo realizado nestas MPEs, ficando então uma proposta para estudos posteriores.

4.3 Percepções acerca dos índices financeiros

As assertivas de 5 a 8 tiveram como finalidade investigar a percepção do empresário acerca dos considerados principais índices financeiros quando se trata de micro e pequenas empresas. A assertiva número 5 tratava da “liquidez corrente”, a número 6 da “liquidez geral”, a número 7 do “endividamento” e a número 8 da “margem de lucro líquido”. Os resultados podem ser vistos na tabela abaixo:

Tabela 5: Percepções dos Índices Financeiros

Nº	Assertiva	Média	Desvio
5	Tenho sentido dificuldades para <u>quitar em dia</u> todos os compromissos da minha empresa com trabalhadores, fornecedores, tributários e outros	3,72	2,46
6	Se a minha empresa fosse encerrar suas atividades hoje, ela teria condições de pagar todas suas dívidas	5,71	1,92
7	Boa parte do dinheiro que investi nos últimos anos na minha empresa foi oriundo de empréstimo	2,58	2,15
8	Eu sei qual é a margem de lucro de cada produto ou serviço que vendo em minha empresa	6,3	1,18
Total		4,58	

Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com a Tabela 5, na assertiva que tratou da liquidez corrente foi afirmado que a empresa estava sentindo dificuldades para quitar (liquidar) em dia suas contas correntes, ou seja, despesas oriundas da atividade comercial da empresa. De acordo com a média calculada ‘3,72’ pode-se constatar que houve uma tendência a não concordância com a

afirmação, ou seja, a maioria dos empresários alegam não estar passando por dificuldades para quitar seus compromissos operacionais, o que nos dá um indício de que o índice de liquidez corrente nas micro e pequenas empresas está num nível aceitável. Contudo, o desvio padrão foi muito alto indicando que houveram muitas respostas divergentes, ou seja, enquanto que alguns empresários alegaram não estar sentindo dificuldades, uma boa parcela alegou que sente esta dificuldade. Sendo assim, o estudo aponta que esta liquidez corrente em nível confortável não faz parte da realidade de todos, existindo MPEs sentindo dificuldades para pagar contas do dia-a-dia operacional. Tal apuração entra em coesão com dados de pesquisa do SEBRAE (2016), mostrando que a falta de capital de giro foi um dos problemas financeiros apontados por 25% dos empreendedores que fecharam as portas de seu negócio, pois sabe-se que a falta de capital de giro gera esta dificuldade de pagar dívidas correntes.

Na assertiva que tratou da liquidez geral foi afirmado que se a empresa fosse encerrar as atividades naquele momento ela teria condições de pagar todas suas dívidas. A média obtida ficou próxima de '6' indicando uma tendência a concordância com a afirmação, mostrando que de acordo com as alegações feitas, a liquidez geral não está ruim. Contudo, o desvio-padrão foi alto revelando uma falta de consenso nas respostas, o que deixa a entender que uma fração considerável não apresenta liquidez geral tão boa conforme aponta a maioria.

A assertiva que tratou do endividamento das MPEs afirmava que boa parte do dinheiro investido ultimamente na empresa tinha vindo de empréstimo, fator que deixa a empresa com um alto índice de endividamento. Neste quesito, a pesquisa nos trouxe números interessantes para analisar, a média das respostas '2,58' indica uma alta discordância da afirmação o que aponta que os empresários não estão recorrendo tanto a empréstimos para investir no negócio, este achado é bom, pois dá indícios de um provável baixo índice de endividamento com terceiros, sobretudo com bancos. No entanto, o desvio-padrão das respostas foi elevado o que mostra que as respostas dadas a este quesito apresentou variações. Conclui-se então, que a grande maioria das MPEs pesquisadas não recorreram a empréstimos, mas uma parte delas sim. E esta constatação abre margem para estudos mais aprofundados para se saber como anda o acesso ao crédito para micro e pequenos empresários.

A assertiva que tratou da margem de lucro afirmava que o empresário sabia qual era a margem de lucro de seus produtos e/ou serviços. Quanto a isso, a pesquisa trouxe uma das constatações mais contundentes, com uma média que passou de '6' (alta concordância) e desvio-padrão baixo, indicando respostas homogêneas, pode-se afirmar que os empresários de MPEs conhecem sim, e muito bem, qual é a margem de lucro de seus produtos e/ou serviços.

4.4 Percepções acerca do papel do contador na gestão financeira da empresa

As assertivas de 9 a 13 tiveram como finalidade investigar a percepção do empresário acerca do papel do trabalho realizado pelo Contador para a gestão financeira de sua empresa. Os resultados podem ser vistos na tabela abaixo:

Tabela 6: Percepções do Papel do Contador

Nº	Assertiva	Média	Desvio
9	Eu terceirizo os serviços de contabilidade em minha empresa	5,29	2,49
10	O contador presta seus serviços exclusivamente para minha empresa	2,24	2,28
11	Na minha empresa o contador só é acionado para cuidar dos assuntos relacionados aos tributos, impostos e questões trabalhistas	5,44	2,14
12	O contador sempre me explica detalhadamente os	4,81	2,33

	dados dos balanços, DREs e outros demonstrativos financeiros que ele elabora para minha empresa, me deixando ciente de como está a situação financeira da empresa		
13	Geralmente, tomo decisões acerca da gestão financeira de minha empresa em cima de informações que o contador me passa	3,94	2,32
	Total	4,34	

Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com o indicado na Tabela 6, para a assertiva nº 9, que afirmava que o empresário terceiriza os serviços de contabilidade da empresa, a média '5,29' mostra uma tendência a concordância, indicando que a maioria das MPEs contratam um contador externo para realizar os serviços de contabilidade da empresa.

Pelo quesito nº 10 a pesquisa também consegue nos mostrar claramente que os contadores contratados pelas MPEs prestam seus serviços para várias empresas ao mesmo tempo, pois a média da afirmação de que os contadores eram exclusivos da empresa foi muito baixa '2,24'.

A assertiva de nº 11 afirmava que o contador só era acionado para tratar de questões fiscais e trabalhistas, e pela média acima de '5' houve uma tendência a concordância nesta afirmação, corroborando com a afirmação feita por Kassai (1997), de que a contabilidade gerencial em MPEs acaba se restringindo a simples preocupação com o fisco e as rotinas trabalhistas.

A assertiva nº 12 buscava saber se os contadores explicavam com detalhes para o empresário da MPE os resultados das demonstrações financeiras que eles elaboravam para estas empresas, neste quesito a pesquisa mostrou pela média '4,81' que o número de concordância e discordância a esta afirmação foram próximos o que indica não existir um consenso claro para este aspecto.

Por fim, a assertiva nº 13 procurava sondar se o principal propósito da contabilidade gerencial era atendido na MPE, ou seja, se os empresários tomam decisões acerca da gestão financeira da empresa em cima de informações que o contador lhes passava. Neste quesito a média baixa das respostas '3,94' mostrou discordância para a afirmação, revelando que os empresários de MPE na sua maioria não são auxiliados pelos contadores no momento de se tomar decisões.

Conforme pode ser visto, para todas as assertivas que trataram do papel do contador o desvio-padrão foi alto, indicando respostas muito heterogêneas neste tópico, o que mostra uma grande falta de consenso entre os empresários de MPEs no momento de expor algo acerca dos contadores que trabalham ou prestam serviços à suas empresas. A ausência de homogeneidade nas respostas evidencia que quando se refere aos contadores as percepções dos empresários não caminham para uma mesma direção.

Portanto, numa análise geral dos quesitos que buscavam investigar a percepção do empresário acerca do papel do Contador na gestão financeira de MPE, a pesquisa revela que existe fundamento a afirmação feita por Barros (1978 *apud* Lacerda, 2006) de que o uso da contabilidade possui na pequena empresa o objetivo principal de atender apenas a uma exigência fiscal e que pouco se aplica a finalidade básica da contabilidade que é orientar o administrador em suas decisões. Levando-se em conta a média geral destes quatro quesitos (4,34), a pesquisa aponta que a contabilidade gerencial em micro e pequenas empresas precisa ser melhorada, deixando traços de que o trabalho do contador em MPEs se limita a elaborar as demonstrações financeiras e entregá-las aos empresários para que as exigências legais do

negócio sejam atendidas, ficando aquele trabalho de auxílio na tomada de decisão um pouco aquém.

4.5 Percepções gerais acerca da gestão financeira

Pretendendo reforçar ainda mais o atendimento ao objetivo geral do estudo, no questionário aplicado com os empresários, as assertivas de 14 a 18 tiveram como finalidade investigar percepções gerais do empresário acerca da gestão financeira em sua empresa. Os resultados podem ser vistos na tabela abaixo:

Tabela 7: Percepções gerais

Nº	Assertiva	Média	Desvio
14	Sinto dificuldades para realizar a gestão financeira de minha empresa	3,16	2,13
15	Sempre realizo em minha empresa um plano de ação com a finalidade de determinar as metas de vendas, contas a pagar e receber, investimentos, financiamentos e ganhos	5,19	2,29
16	Tomo sozinho(a) todas as decisões que envolvem as finanças da empresa	4,42	2,51
17	A empresa utiliza um software para realizar o gerenciamento financeiro	4,34	2,67
18	Avalio como boa a atual situação financeira de minha empresa	5,64	1,68
	Total	4,55	

Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com a Tabela 7, as respostas dadas para a assertiva nº 14 revelam por intermédio da média '3,16' que a maior parte dos empresários tenderam a discordar da afirmação de estarem sentindo dificuldades para realizar a gestão financeira de suas empresas, isto dá indícios de que o empresário da MPE se detém para as questões financeiras de sua empresa, o alto desvio-padrão contudo, revela falta de comum acordo com a alegação da maioria.

Por meio da afirmação feita na assertiva nº 15 procurou-se descobrir se os empresários de MPEs realizavam um planejamento financeiro para suas empresas, e de acordo com a média das respostas '5,19' houve uma leve tendência a concordância com esta afirmação, dando indícios de que uma boa parcela de MPEs estão elaborando um planejamento financeiro, o alto desvio-padrão revela pouca convergência nas respostas.

A assertiva nº 16 afirmava que os empresários de MPE tomavam sozinhos todas as decisões envolvendo as finanças da empresa. Na pesquisa, a média das respostas dadas a esta afirmação '4,42' foi muito central e não dá uma posição clara acerca disso, tomando em conta o desvio padrão, pode-se dizer que as respostas foram dispersas o que reforça não existir consenso com a afirmação, dando indícios de que muitos empresários consultam outras pessoas antes de tomar decisões financeiras para a empresa.

A assertiva nº 17 tratou do uso da informática para a otimização da gestão financeira, e pela média muito central para as respostas dadas '4,34' verifica-se que o uso de softwares voltados para a gestão financeira nas MPEs ainda não é algo consensual, ou seja, aplicado. Constatação também reforçada pela alta heterogeneidade das respostas indicado pelo desvio-padrão. Tudo isso evidencia que o uso da informática para auxílio do gerenciamento financeiro não é adotado de forma plena pelas MPEs, o que torna esta constatação

interessante, visto que, nos dias atuais a tendência é se investir na informatização das operações.

Fechando a investigação, a assertiva nº 18 procurou saber se os empresários avaliavam como **boa** a atual situação financeira da sua empresa. A média das respostas dadas a este quesito '5,64' apontando uma tendência à concordância com a afirmação, acompanhada de um desvio-padrão intermediário mostram claramente que a maioria dos empresários afirmaram que sua empresa está em uma situação financeira favorável.

5 CONCLUSÃO

Levando em conta a percepção dos empresários, os resultados do estudo trouxeram contribuições por meio de constatações positivas e negativas. Como principais constatações positivas na gestão financeira de MPEs, o estudo mostrou que os empresários dão bastante ênfase ao fluxo de caixa, possuem conhecimento da demonstração de resultado de exercício (DRE) e possuem amplo domínio acerca da margem de lucro de seus produtos e/ou serviços. A pesquisa também deu conta de que a liquidez corrente e geral na maioria das MPEs encontra-se em um nível aceitável, já que a maioria dos empresários alegaram não estar sentindo dificuldades para quitar em dia os compromissos da empresa com trabalhadores, fornecedores, tributários, dentre outros (corrente) e que se a empresa fosse encerrar suas atividades hoje, ela teria condições de pagar todas suas dívidas (geral). Segundo a pesquisa, outro fator positivo é o fato dos empresários alegarem não estar sentindo dificuldades para realizar a gestão financeira de suas empresas. Como principais constatações negativas na gestão financeira de MPEs, o estudo, em consonância com o que é dito em algumas literaturas, apontou que a prática da contabilidade no âmbito da pequena empresa ainda não atingiu a função de orientar o administrador em suas decisões na esfera financeira, limitando-se apenas ao atendimento de uma exigência fiscal e trabalhista. Outros indícios mostrados na pesquisa foram a existência de pouco entendimento acerca do balanço patrimonial e que o uso da informática para otimizar a gestão financeira ainda não é aplicado em sua plenitude nas micro e pequenas empresas.

Por ter como foco a investigação de percepções, a principal limitação do estudo consistiu em se levantar dados baseados na subjetividade de cada empresário pesquisado, e a subjetividade, como se sabe, é algo muito relativo e variado, pois cada indivíduo tem seus próprios valores, crenças e opiniões, o elevado desvio-padrão na maioria das respostas foi um reflexo disso.

Como sugestões para outros estudos fica a ideia de se examinar como o fluxo de caixa está sendo realizado nas micro e pequenas empresas, como anda o acesso ao crédito à micro e pequenos empresários, dado os mesmos não estarem recorrendo tanto à empréstimos e a exploração de demais índices financeiros que não foram abordados neste estudo.

REFERÊNCIAS

ANTONIK, Luis Roberto. A administração financeira das pequenas e médias empresas. **Revista FAE Business**, n. 8, p. 35-38, 2004.

BERK, Jonathan; DEMARZO, Peter; HARFORD, Jarrad. **Fundamentos de finanças empresariais**. Bookman Editora, 2010.

BRASIL. **Lei complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp123.htm> Acesso em: 10 abr. 2020.

CORRÊA, Luiz Paulo França. **O uso da contabilidade gerencial como ferramenta de gestão nas pequenas e médias empresas da região da amrec.** Curso de graduação em Ciências Contábeis. Criciúma. 2010.

COSTA, Francisco José; JÚNIOR, Elias Pereira Lopes; SARAIVA-LOBO, Rodolfo Jakov. **MÉTODOS QUANTITATIVOS EM CURSOS DE BACHARELADO EM TURISMO: UMA ANÁLISE DA ATITUDE E DO INTERESSE DOS ESTUDANTES.** *Turismo-Visão e Ação*, v. 12, n. 2, p. 216-229, 2010.

DA SILVA, Rondivângues Ferreira. **Os Principais Indicadores de Investimento da Análise Financeira.** Disponível em: <<http://www.contabeis.com.br/artigos/3261/os-principais-indicadores-de-investimento-da-analise-financeira/>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

FÁVERO, Luiz Paulo et al. **Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil.** 2018. Disponível em: < https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/44571/1551466386GEM_2018.pdf> Acesso em: 25 jun. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira.** 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

KASSAI, Silvia. As empresas de pequeno porte e a contabilidade. **Caderno de estudos**, n. 15, p. 01-23, 1997.

KUHN, Ivo Ney; LAMPERT, Amauri Luis. **Análise financeira.** Ijuí: Unijuí, 2012.

LACERDA, Joabe Barbosa. A contabilidade como ferramenta gerencial na gestão financeira das micro, pequenas e médias empresas (MPMES): necessidade e aplicabilidade. **Revista Brasileira de Contabilidade**, n. 160, p. 39-53, 2006.

LEMES JUNIOR, Antônio Barbosa; PISA, Beatriz Jackiu. **Administrando Micro e Pequenas Empresas.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

LONGENECKER, Justin G. et al. **Administração de pequenas empresas.** 2ª reimpr. 1ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada.** 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Fundamentos de Administração: manual compacto para cursos de formação tecnológica e seqüenciais**. São Paulo: Atlas, 2004.

MIOTTO, Neivandra; LOZECKYI, Jeferson. A importância da contabilidade gerencial na tomada de decisão nas empresas. **UNICENTRO – Revista eletrônica Lato Sensu**, 2008.

OLIVEIRA, Luciel Henrique de. Exemplo de cálculo de Ranking Médio para Likert. Notas de Aula. Metodologia Científica e Técnicas de Pesquisa em Administração. Mestrado em Adm. e Desenvolvimento Organizacional. PPGA CNEC/FACECA: Varginha, 2005.

ROSS, Stephen A. **Princípios de administração financeira**. 2. ed. 10. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Sobrevivência das Empresas no Brasil**. 2016. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-relatorio-apresentacao-2016.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2020.

SEBRAE/PB. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Painel Regional - Paraíba 2015. Agência Regional de Cajazeiras. João Pessoa. 2015.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Participação das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira**. 2015. Disponível em: <<http://observatorio.sebrae.com.br/midias/downloads/01042015153936.pdf>> Acesso em: 13 jun. 2020.

SOUZA, Wendel; QUALHARINI, Eduardo. O planejamento estratégico nas micro e pequenas empresas. In: **III Workshop Gestão Integrada: Riscos e Desafios**. SENAC. São Paulo. 2007.

SZUSTER, Natan et al. Contabilidade geral: introdução à Contabilidade Societária. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

TERENCE, Ana Cláudia Fernandes; ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. As particularidades das pequenas empresas no planejamento estratégico: a elaboração de um roteiro prático. **Anais do II Encontro de Estudos Sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, 2001.

VIAPIANA, Cláudio et al. Fatores de sucesso e fracasso da micro e pequena empresa. **DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**. Passo Fundo: 2000.

APÊNDICE A - QUESTÕES APLICADAS AOS RESPONDENTES

- 1- Minha empresa elabora periodicamente um relatório que mostra os bens, direitos e obrigações que ela possui naquele momento.
- 2- Ao final de cada ano é elaborado um demonstrativo que mostra se a minha empresa teve lucro ou prejuízo
- 3- Registro diariamente tudo que entra e sai no caixa da minha empresa
- 4- A empresa possui o histórico das vendas, despesas, fornecedores e investimentos dos últimos meses
- 5- Tenho sentido dificuldades para quitar em dia todos os compromissos da minha empresa com trabalhadores, fornecedores, tributários e outros
- 6- Se a minha empresa fosse encerrar suas atividades hoje, ela teria condições de pagar todas suas dívidas
- 7- Boa parte do dinheiro que investi nos últimos anos na minha empresa foi oriundo de empréstimo
- 8- Eu sei qual é a margem de lucro de cada produto ou serviço que vendo em minha empresa
- 9- Eu terceirizo os serviços de contabilidade em minha empresa
- 10- O contador presta seus serviços exclusivamente para minha empresa
- 11- Na minha empresa o contador só é acionado para cuidar dos assuntos relacionados aos tributos, impostos e questões trabalhistas
- 12- O contador sempre me explica detalhadamente os dados dos balanços, DREs e outros demonstrativos financeiros que ele elabora para minha empresa, me deixando ciente de como está a situação financeira da empresa
- 13- Geralmente, tomo decisões acerca da gestão financeira de minha empresa em cima de informações que o contador me passa
- 14 - Sinto dificuldades para realizar a gestão financeira de minha empresa
- 15- Sempre realizo em minha empresa um plano de ação com a finalidade de determinar as metas de vendas, contas a pagar e receber, investimentos, financiamentos e ganhos
- 16- Tomo sozinho(a) todas as decisões que envolvem as finanças da empresa
- 17- A empresa utiliza um software para realizar o gerenciamento financeiro
- 18- Avalio como boa a atual situação financeira de minha empresa
- 19- Qual o ramo da empresa? _____
- 20- Sexo do empresário ou gestor da empresa () Masculino () Feminino
- 21- Idade do empresário ou gestor da empresa
() Até 25 anos () 36 a 45 anos () 56 a 65 anos
() 26 a 35 anos () 46 a 55 anos () Acima de 65 anos
- 22- Grau de escolaridade do empresário ou gestor da empresa
() 1º grau incompleto () 2º grau incompleto () Superior incompleto
() 1º grau completo () 2º grau completo () Superior completo
() Pós-graduação